

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 994	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 DE AGOSTO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



EL-REI D. CARLOS NAS PEDRAS SÁLGADAS

GRUPO DE EL-REI E AQUISTAS QUE OFFERECERAM A SUA MAGESTADE UM ALMOÇO NA SERRA

(Photographia da sr.ª D. Anna Rodrigues)

(Vide Chronica Occidental)

## Chronica Occidental

Havia muitos annos que a politica não dava tanto que falar como agora. Desde que o sr. João Franco tomou conta da presidencia, muitos, que bonacheironamente deixavam correr o marfim, entreabriram o olhar curioso, chegando alguns a apaixonar-se. Então agora com as eleições por um triz! E discute-se a politica por toda a parte, a politica e o sr. João Franco, o que não vem sempre a dar na mesma: as eleições, os cortes, demissões, escandalos que iam por toda a parte, e d'estes a nota mais comica.

Já, ha tempos, se havia descoberto que varredores passeavam por ahi no requinte da elegancia e que senhoras arrastando sedas eram apal-

padeiras da alfandega. Os ultimos descobrimentos porém, assombraram aquelles para quem os assombros já eram o pão nosso de cada dia. Pelo Chiado, para cima e para baixo, pela Avenida, pelas sombras de Cintra e contemplando os poentes nas praias, de sobrecasaca e chapéu alto ou de fatinhos de verão e panamás, fumando seus charutos, andavam freiras velhas de conventos extinctos.

Mas veio o *Seculo* revelar que as verdadeiras velhas freirinhas a quem os subsidios haviam sido concedidos, essas pouco mais, pouco menos, morreriam de fome ou viviam da caridade de algumas pessoas generosas.

Quando morreu a ultima freira de Arroyos e a auctoridade já tomara conta do convento, eu, com um irmão meu já fallecido, Columbano Bordallo Pinheiro, Fernando Leal e Casanova, jantavamos ali proximo e o relógio, com a ultima corda que

lhe ella dera, ia batendo as horas. Velhinhas, que tinham possado já depois de 1834, haviam sahido. Só as pancadas lentas do sino, melancolicamente recordavam uma vida santa que ali se vivera. Aonde haveriam ido parar as companheiras da defunta, pobresinhas, enoveladas, aturdidas com o bulício cá de fóra, depois de perto de sessenta annos de paz e de quietação? Em que mãos ficariam as esmolas que lhes concederam?

Chama-se para estas pobresinhas a piedade chamou-se, ha dias, a piedade para os mortos. E' preciso, de quando em quando, que estes assumptos revivam. Nós todos somos de fogachos, como muito bem diz o povo em sua pittoresca expressão Fogachos... e mais nada. Ha dez annos que falleceu João de Deus. Tudo quanto era novo padeceu n'esse instante uma dôr cruel, e muitos, fazendo figura, acompanharam ao Pantheon o ca-



daver do poeta. Era ali, diziam, que elle devia de dormir para sempre; era aquelle o lugar que lhe competia, ao lado de Camões, de Vasco da Gama, de Alexandre Herculano. E as corôas fizeram-se em lixo, porque não se sabe em Portugal o que é o culto dos mortos. E cada vez que, depois, eu passei por S. Bartholomeu de Messines fez-me pena não ver no cemiterio alvejar uma pedra muito simples que nos dissesse onde João de Deus dormia o derradeiro sonno, perto da casa onde nasceu e da igreja onde o baptisaram e lhe puzeram tão lindo nome.

A este proposito foi agora novamente discutido a applicação dos Jeronymos para encerramento das cinzas dos grandes portuguezes. Exemplos passados deveriam persuadir do contrario os que teem verdadeiramente o culto dos mortos. Mas a questão entrou, e ainda bem, pelos dominios da arte.

Agora que as viagens são tão faceis e tanto mais baratas, quando Lisboa espera receber grande numero de forasteiros, sobretudo os da America meridional, devemo-nos lembrar que nada mais bello lhes podemos mostrar para nosso orgulho do que o templo dos Jeronymos, commemorando um dos mais bellos factos da nossa historia e da historia da humanidade. O que é para de todos ser desejado é o respeito pelo grandioso monumento, já tão profanado por successivas obras e sempre ameaçado de novas profanações.

Que já bastante se conseguiu o favor da attenção do estrangeiro para a nossa terra, cheia de tão lindos recantos e memorias gloriosas, prova-o a guerra que já nos vão fazendo os prejudicados em seus negocios pelo desvio possível da corrente. Ainda não ha muito um jornal inglez dizia que em Lisboa cães e gatos damnados percorriam as ruas espalhando a morte pela população.

Ainda outras petas hão de correr de mais difficil desmentido.

Entre Portugal no roteiro das viagens classicas, prepare-se Lisboa como deve, sob a constante vigilancia dos homens de negocio e artistas intelligentes, e bom futuro a espera.

As viagens entraram nos usos e costumes e de viagens fallando portanto, começaremos pela de El-rei, porque *à tout seigneur, tout honneur*. Tendo partido ha tempos para as Pedras Salgadas, em uso das famosas aguas medicinaes, d'ali diz-se, regressará no proximo domingo, por Villa Real, Regua e Porto, devendo chegar a Cintra na segunda feira ás 9 horas da manhã. Todos os jornaes se teem longamente occupado das festas, com que a phantasia dos aquistas tem procurado remediar á monotonia das horas: regatas para cujos premios El-rei se dignou pintar duas aguarellas, tiro aos pombos, almoço n'um dos pontos mais pittorescos da serra, sarás litterarios e musicas. Tem-se El-rei mostrado satisfeitiissimo.

Muito bem recebido por onde tem passado, nem o divertimento predilecto lhe faltou durante a sua estada na provincia de Traz-os-Montes. Em Parede de Monteiros foi-lhe offerecida uma caçada aos javalis, sendo-lhe depois servido um almoço em casa do opulente lavrador, sr. Pereira. No dia seguinte, foi a Sabrosa e almoçou depois em Matheus, onde o recebeu o Conde de Villa Real, representante do celebre, erudito morgado, cujo solar é dos mais bellos de Portugal.

Tambem os principes, acompanhados pelos srs. Marquez de Lavradio e Visconde de Asseca, têm andado em viagem pela Beira Baixa, encantados com as bellezas da natureza e forma por que tem sido recebidos nas principaes cidades da opulenta provincia. Subirão á serra, onde lhes estão sendo preparados os alojamentos nos Barros Verdes.

Viajam rei e principes em sua terra, andam portuguezes no estrangeiro colhendo glorias. No estrangeiro, dissemos, mas creio que não escrevemos bem porque iamos falar de Malhõa no Brazil. Teem sido os brazileiros amabilissimos com elle e devemos, todos nós portuguezes, receber com gratidão a noticia das honras, embora muito merecidas, que fizeram ao nosso grande artista. No banquete que lhe foi offerecido pela direcção do Gabinete Portuguez de Leitura, brazileiros da estatura intellectual de Olavoo Bilac e de Coelho Netto foram com elle e com os portuguezes por tal forma amaveis que nós podemos deixar de acompanhar a commoção com que Malhõa lhes respondeu.

E assim Portugal e Brazil se vão, cada vez mais, unindo, e não ha como a arte para produzir taes alianças.

As viagens são uma alegria, quando se vai assim ao encontro de amigos, de quasi irmãos.

São uma alegria...! Confesso que, ao escrever esta palavra, não me recordava d'uma das

mais tragicas scenas, de que deram, esta semana, todos os jornaes bastos pormenores. Para a Argentina se dirigia o grande paquete Sirio, cujo naufragio nas costas proximas de Cartagena custou a vida a centenaes de pessoas. E' horrivel o que narram os naufragos, alguns dos quaes, por maior infelicidade sua, escaparam, tendo visto parecer nas ondas as esposas e os filhos.

Não se pode contar o que se passou n'aquelle instante em que o navio começou a afundar-se; não se descreve o que ainda vai por Cartagena. E não faltam tambem commentarios sobre o egoismo dos homens, demonstração vulgar de sua má natureza n'estes momentos em que todos só pensam na propria salvação. E enquanto muitos abriam caminho á navalha para conquistar um lugar nos escaleres, uma pobre mãe agarrada ao filho antes queria morrer nas ondas com elle do que salvar a propria vida abandonando-o.

Muitas calamidades tem cahido sobre a pobre Hespanha, scenario de terriveis scenas de fome, de inundações, de pestes, de terramotos.

Nós aqui que poderemos dizer? Que grandes males serão os nossos, se os compararmos aos que tem soffrido a nossa visinha? Quando muito poderiamos aqui mencionar a crise do Douro, a questão dos carnes em Lisboa. O mais que vale?

Só para não deixarmos de mencioná-lo — não nos venha alguém dizer que os tempos vão bicudos — nos referiremos ás manifestações de Alcantara contra o sr João Franco. Estão presos os cabeças de motim e a policia continua em suas diligencias.

De gravidade foi a scena, que todos deploram, entre dois distinctos officiaes de marinha, de que resultou um d'elles, o sr Leotte do Rego, ter de recolher ao hospital com o craneo fracturado e uma perna partida.

Ha toda a esperanza de salvá-lo. Causa piedade a discrição que fazem da dôr de seu antagonista. A um e outro desejamos breve a saude e a paz de espirito que merecem.

JOÃO DA CAMARA.

## O CULTO PELA ARTE

Quando no animo de toda a gente, propensa a fixar olhos attentos nos multiplos problemas de governação publica, se impõe, como o primeiro, como o mais complexo e o mais proficuo, o mais eloquente e o mais civilisador — o da instrução, parece-nos que n'uma epocha em que tanto se falla e escreve, e tão pouco se faz, no intuito de organizar sobre uma base completamente nova, scientifica, positiva, o ensino publico, affigura-se nos pugnar por tão sagrada causa e diriamos mais, se não temessemos o epitheto de immodesto collocar a questão em seu ponto de partida, circumscrevendo-a ao seguinte enunciado:

— *Do mais elevado culto pela Arte, em todas as suas manifestações, provirá n'um dado espirito o germen do mais elevado gráo de instrucção.*

E' principio assente pela moderna philosophia, principio incontroverso, seja qual fôr a escola em que ella se filie, que a primeira faculdade accordada no espirito humano foi a da emotividade, determinada pelo sentimento artistico, desenvolvida pelas impressões successivas, que o mundo exterior, com suas bellezas, com a sua variedade de aspectos e unidade de existencia a elle transmittio. A primeira forma rudimentar de linguaagem foi um cantico, e este cantico solto dos labios do primeiro homem, equivaliu, por certo, a uma exclamação de assombro.

Antes de pensar o espirito humano sentiu e depois quiz.

Ora admittida a immortalidade d'estes attributos do ser espirital e admittida ainda a prioridade do sentimento, embora um apice, apenas, affastado do pensamento, resulta, no longo estadio percorrido pela humanidade atravez dos seculos, a natural tendencia pelo culto do Bello, manifestada muito aquem da forma reflectida e consciente do pensar, que engendra a sciencia.

Parece, pois, que os primeiros arreboés que prenunciam a lucida alvorada no espirito da creança, resundados pela faculdade ingata, que a impelle á contemplação emotiva do mundo exterior, deveriam ser-lhe emanados da luz creadora, do olhar do Mestre, que profiasse em extasiala perante a divina Arte, traduzida nos esplendores da natureza e ascendendo de gráo em gráo nas manifestações devidas ao engenho humano, na forma material primeiro, na mais subtil forma espirital depois, e emfim, na alliança de ambas. E' este o moderno methodo pedagogico ensaia-

do, com surprehendentés resultados n'outros paizes da Europa, onde a instrucção publica constitue o problema capital. A culta Allemanha sem duvida, a todos leva a palma.

Entre nós, apesar do esforço de alguns estadistas, a quem o assumpto tem merecido attenção, é verdadeiramente deploravel o módo por que se pretende formar homens para o futuro, desenvolvendo aptidões, com que a provida natureza tantas vêzes dotou muito espirito, condemnado irremediavelmente a uma forçada obscuridade e diremos mais — a uma criminosa indifferença por tudo quanto — se outra fôra a educação — o de-vera tornar eminente!

Onde existem no paiz os grandes muzeus, nos quaes a methodica exposição de riquezas archeologicas, possa servir de poderoso auxiliar para estudos sobre a arte nacional?

E se algum museu, embora muito incompleto, existe, quando se encontram lá os mestres e discipulos, examinando, comparando, admirando, estudando?

Em que orçamento, com clarêza e verdade, figuram verbas especiaes, para subsidios de viagens de artistas ao estrangeiro?

E' todavia, de tudo isto, temos... o bastante para salvar as apparencias, balofas exterioridades com que a Arte nada ganha e a patria perde sempre!...

Ascendendo, no culto pelo Bello, ás complexas manifestações do engenho artistico e scientifico, defrontemos com a litteratura, e n'este vasto e tão safaro campo, examinêmos o gráo da sua influencia, no momento actual, na sociedade portugueza.

Comquanto seja a litteratura um dos factores mais importantes da educação de um povo, devendo afferir-se por ella o gráo da sua civilização (o que entre nós perfeitamente se pode fazer sem haver necessidade de incluir coeficientes de correcção para a certeza do calculo) é certo que a nitida comprehensão do elevado papel que lhe cumpre desempenhar no seio d'uma sociedade, cuja constituição politica e social, sujeita aos modernos principios da *Sociologia*, tende, como ideal superior o abandonar as velhas formulas, substituindo-as por aquellas que melhór exprimam as necessidades democraticas da epocha, é certo, repetimos, que a elevada comprehensão da missão desempenhada assim pela litteratura, na geração que passa e á qual incumbe o problema educativo d'aquella epocha, virá a sciencia clara solida e positiva. São esses mesmos principios que originam aquelle mesmo ideal!

Porventura possuímos nós tal sciencia? — nós, povo atrophiado mentalmente por uma educação antiquada de seculos, por mil influencias extranhas á nossa vontade, mas todas ellas determinadas por circumstancias poderosas; nós, que na ancia de macaquear o figurino estrangeiro, fazemos e desfazêmos sem criterio nem bom senso: nós, mercê da educação scientifica recebida, superficial em extremo, e mercê das necessidades da vida, precipitados na obtenção d'uma carreira por mil cousas, emfim, possuímos acaso a noção completa do que seja e para que sirva a litteratura, fora do circulo estreito de mesquinha gloriola, do dilettantismo pedante ou então do putrido monturo que se denomina *politica*?

Tal exame, mesmo feito a traço muito largo (e isto pela falta de espaço para nos espraarmos) embora em extremo desolador, não deixa de ser curioso e ao mesmo tempo comico. N'este paiz todos são litteratos, poetas ha aos centos, romancistas pullulam. E todavia litterato é, segundo a opinião do visinho mercieiro, synonymo de *vadio*... mas vadio — valha-nos isso com domicilio certo e official...

A opinião publica assim denomina essa ingenua turba, esfaimada das altas posições, que a lenda tornou apanagio dos que em tempos que já lá vão souberam afinar bem no teclado das letras.

Mas a epocha é outra, desconjunctaram-se apodrecidos aos rails, por onde marcharam muitos *vagons* vassios de bagagem scientifica e isto é a causa de successivos e fataes descarrilamentos para muitos escriptores... fallados. Quando — o que é frequente — este facto se dá a avidez desceu prodigiosamente... aos magros mil réis por columna n'alguã gazêta, que ainda tenha a ingenuidade de pagar aos collaboradores.

Eil-os então, em chusma irrequieta, correndo em tropel á fonte, sem olharem, com olhos de vên, o rotundo tendeiro o rir alarvemente, e sem ouvidos que lhe oiçam chamar-lhes: *vadios!*

Cumulo de injustiça!



E, n'essa turba, quantos talentos perdidos, quantas aptidões esterelizadas, quantos cerebros admiravelmente conformados e aptos a produzir... condemnados eternamente, por defeitos de educação, ao *requiescat in pace!*

Que monstruoso trabalho intellectual não representa isso que se denomina a consagração publica?!

Que lucta titanica com tão heterogeneos elementos não traduz o respeito, a veneração, a comprehensão de valór feitos em volta do nome de um homem!

Que o digam os que estão n'este caso.

Alguns — os que pertencem á velha guarda — aparte o proprio merito, obtiveram estímulos, conselhos, incentivos, que os modernos não possuem, porque os tempos são outros, muito differente a epocha...

Quantos talentos poderosos, conciliaram o romance, o folhetim, o drama, o verso, o artigo e por esta forma, como luctadores de primeira grandesa, se impuzeram ao respeito e á admiração do publico, não havendo tempestades que os derrubem do pedestal onde tão merecidamente subiram?

Muitos, certamente.

Mas corresponderá, porventura á pujança das proprias faculdades o valór das suas obras? Entre ellas haverá alguma que viva eternamente?

Seus nomes viajarão pela posteridade envoltos pela sagrada aureola da consagração?

E' triste, na verdade, considerar tão despropositada somma de trabalho para tão mesquinha compensação!

Apreciando o escriptor nos variados ramos, qual o mais difficil, em que a sua intelligencia se movimentava, escutando a sua palavra entusiastica reverberar com mil scintillações de talento, quem de si para si, n'um momento de justiça, não dirá:

*Feliz d'elle se houvera nascido em França!*

Em França — sim! — na patria do pensamento, no solo redemptor das sociedades modernas, n'essa terra abençoada, onde o homem, talvez melhor que em qualquer outro paiz, tem a consciên-



UMA VISTA DE PEDRAS SALGADAS COM ESTABELECIMENTO D'AGUAS, ONDE ESTEVE S. M. EL-REI D. CARLOS  
(Vidè *Chronica Occidental*)

cia do seu valor na remuneração do seu trabalho! Allí, comprehende elle bem, que dentro do seu cerebro possui valores que não deve trocar pelas mais collossaes riquezas; que a vigilia febril decorrida á luz pestilencial do gaz ou do petroleo, na lucta cruenta de dar Forma á Ideia, não tem por epilogo ao raiar da madrugada o sorriso bestial do tendeiro — um credôr quantas vêzes! Allí, finalmente, em curtos intervallos, na intermittencia da febre do trabalho, pelas faces encandescidas, roça-lhe a eza a Gloria e murmura-lhe baixinho, n'um cantico, ao ouvido: *trinta e seis milhões de almas conhecerão o teu nome...* enquanto que, por entre a penumbra, nos angulos do confortavel gabinete de trabalho, vagueia, sal-

titando, a sombra da figura do editor, grato sorriso no labio, admiração no olhar e mãos nas algibeiras repletas de bellos e prateados francos...

Feliz gente!...

Por hoje terminamos. Não nos cançaremos de repetir que Portugal tem artistas nas lettras, que se houvessem nascido em França seriam uma gloria da sua patria; seus nomes não passariam áquem de fronteiras; e, como atravez os seculos teem vivido as glorias da scêna franceza, Portugal apregoaria no futuro os nomes de muitos dos seus artistas queridos.

Lisboa, 22-7-06.

MARIO DE SANTA-RITA.



UMA VISTA DE VILLA REAL DE TRAZ OS-MONTES, VISITADA POR S. M. EL-REI D. CARLOS  
(Vidè *Chronica Occidental*)



### D. Olga de Moraes Sarmiento da Silveira

Em Portugal onde tão raros são os typos femininos de cerebral a sr.<sup>a</sup> D. Olga da Silveira occupa um dos primeiros logares. A sua conferencia *Problema feminista* recém-publicada n'um elegantissimo opusculo, e de que teve a gentileza de nos offerecer um exemplar, o attesta largamente. N'elle revella não só muita erudição, como um alto criterio visionador e subtil. A illustre escriptora é uma intellectual de *elite*, um espirito de artista, mas requintadamente artista, e isso prova o exuberantemente a sua prosa, tão finamente burilada, tão aristocraticamente conduzida que, forçoso é confessal-o, nos deixou magnificamente impressionados. Depois o seu espirito comprazendo-se e afinando-se em esplendidas leituras e em relações espirituas da plana de Blasco Ibáñez, Pardo Bazan, Max Nordau & Pierre Loti plastica e modela o seu sentir com uma tal pujança de vestes que raros cerebros femininos em Portugal terão egualado.

E' o *Problema Feminista* um elegante opusculo, primorosamente impresso e merece bem ser lido pela incontestada porção de argumentos novos que vem trazer a uma questão de tal importancia. Quando foi da sua leitura, na Sociedade de Geographia, aos 18 de maio d'este anno em uma sessão que ficará memoravel e de que Theophilo Braga fez a abertura, ella foi muito discutida e apreciada. O seu inusitado brilho e esplendorosa forma foram então muito discutidos pela imprensa e consagraram-lhe artigos de fundo os mais importantes diários portuguezes.

A sr.<sup>a</sup> D. Olga da Silveira ao realizar a sua conferencia, na data do anniversario das convenções



D. OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

Auctora da conferencia feita na Sociedade de Geographia sobre o *Problema Feminista*, no seu gabinete de trabalho

### Commemoração do Pintor Vieira Portuense



S. JERÓNIMO — QUADRO DE CORREGIO

Copia feita por Vieira Portuense, pertencente aos Srs. Duques de Palmella  
(Gravura de C. Alberto)

de Haya, dois poderosos motivos a isso a obrigaram: A perda de seu marido, um illustre official de marinha, victima das iniquidades da guerra, o que a torna uma victima; e o ser a presidente da secção feminista da Liga Portuense da Paz, de que ninguem como ella pode desejar e apostar.

O seu *Problema Feminista* é um livro que ficará como o breviario de todas as mães, todas as irmãs e todas as esposas, e como a interpretação mais fidedignamente interpretada d'essa grande utopia — A Paz — sonho doirado e esplendente de toda a Humanidade.

A. S.

### A Commemoração do Pintor Vieira Portuense

(Continuado do n.º 991)

Francisco Vieira não foi o unico pensinista portuense, que ao tempo, se encontrou em Roma. Domingos Sequeira e Taborda começavam tambem seus estudos na cidade eterna, e escolheram para seu professor Antonio Cavalluci, emquanto Vieira preferiu Domingos Corvi, desenhador de grande correcção, mas de fraço colorido, evidentemente questão de temperamento e de visão optica, que não deixa vêr aquelle vigor das côres que tanto anima a pintura, lhe dá vida e calor.

Não vemos que, n'este ponto, o professor operasse tão fúnda impressão no discipulo que Vieira não reagisse. Uma certa frieza de colorido que se observa nos quadros d'este pintor é de seu temperamento e natureza, pois que Vieira viu por toda a Italia, que percorreu, os mestres mais coloristas, incluindo Corregio de quem copiou o quadro de *S. Jeronymo*, essa magnifica pintura existente na Galeria Publica de Parma, classificada como das melhores da escola lombarda.

A copia feita por Vieira reputada de excellente e á qual, tanto Taborda como o conde de Reaczynski se referem com louvor, pertence aos srs. duques de Palmella.

A reproducção, que damos em gravura, mostra bem as bellas de composição e de desenho deste quadro dando tambem ideia do vivo colorido que distingue sempre os quadros de Corregio e que constituiu, por assim dizer, uma escola denominada lombarda, como dissémos.

Pois todo o poder de colorido de Corregio não teve sobre Vieira bastante influencia, para que elle o preferisse ao estylo suave e delicado de Albano e Guido Reni, que mais o impressionou e se accentua em toda a sua obra.

No tempo que Vieira se demorou em Parma recebeu dos membros da academia grandes provas de consideração pelo seu talento. Foi ali recebido



pelas famílias da alta aristocracia, chegando a dar lições de de enho á filha do grão-duque, para quem naturalmente o joven pintor português não foi indifferente, e tanto mais que chegou a retratá-la, e tão perfeito ficou o retrato, em que não collaborariam só os segredos da palheta do artista mas talvez os do coração, que esta obra lhe deu grande fama entre a primeira sociedade de Parma, onde fez ainda mais retratos, pelos quaes auferiu bons proventos.

Voltando a Roma ali se demorou até 1797 estudando os grandes mestres. Nesse anno deixou aquella cidade e, em companhia de Bartholomeu Antonio Callisto, pensionista da Casa Pia que ali fora tambem estudar pintura, juntos percorreram parte da Alemanha, ficando Vieira em Dresde fazendo estudos na notavel galeria de pintura d'aquella cidade, separando-se do seu companheiro que seguiu para Lisboa.

De Dre-de passou a Hamburgo e depois a Londres onde se demorou até 1781.

Na grande capital travou conhecimento com o insigne gravador Bartholozzi, conhecimento que depressa se transformou em amizade, e mais tarde se aparentaram, pois



EXPOSIÇÃO DA ESCOLA LIVRE DAS ARTES DE DESENHO  
Guarda joias em madeira entalhado pelo sr. J. Abreu Conceição

Era já importante o cabedal de estudo adquirido por Vieira nos países que percorreu, e tempo de voltar á patria que viria enriquecer com as obras do seu talento, e onde foi nomeado lente da aula de desenho na cidade do Porto, como se vê pelo documento que passamos a transcrever:

«O principe meu senhor, havendo consideração ao que lhe foi presente por parte d'essa junta da administração da companhia geral de agricultura das vinhas do Alto Douro, sobre o provimento de lente da aula de desenho n'essa cidade do Porto, vago por se haver dispensado o exercicio a Antonio Fernandes Jacomo, por aviso de 8 de novembro proximo passado; e conformando-se o mesmo senhor com a proposta da junta para se verificar este provimento na pessoa de Francisco Vieira, que na arte de desenho e pintura tem conseguido distincto e bem merecido credito: E' servido nomear ao dito Francisco Vieira para occupar a mesma cadeira, com o ordenado de seiscentos mil reis (1) cada anno, pago pelo mesmo modo que até agora se tem pago ao lente dispensado Antonio Fernandes Jacomo. O que v. m.ª fará presente na sobre-dita junta, para que assim o execute. Deus guarde a v. m.ª Palacio de Queluz em 20 de Dezembro de 1801 — Marquez Mordomo mór. — Sr. Gaspar Cardoso de Carvalho e Fonseca».

(Continua).

C. A.

(1) Não deixaremos sem reparo que o ordenado de 600.000 reis que então era dado a um lente de desenho é o mesmo que se paga hoje, um seculo depois!



O SEMINARIO LYCEU DE CABO VERDE

Francisco Vieira ali casou com uma senhora viuva ainda moça e rica e que, segundo dizem seus biographos pertencia á familia Bartholozzi.

Vieira quiz tambem estudar gravura com o celebre gravador ensaiando o gravar a agua-forte.

Foi em Londres que elle pintou o quadro *Viriato*, e que é uma das suas obras mais notaveis. Este quadro o ofereceu ao Principe Regente de Portugal e existe na galeria de pintura do real paço da Ajuda. Bartholozzi reproduziu-o numa bella gravura de que publicamos o fac-simile a pag. 148 do presente vol.

Em Londres pintou ainda Vieira mais quadros havendo conhecimento de um, *Nossa Senhora da Piedade* ou o *Descimento da Cruz*, que ofereceu a D. João de Almeida Mello e Castro, depois conde das Galveias, ministro de Portugal na corte inglesa, e que elle conheceu em Roma, onde lhe de-vera muitos favores.

Este quadro era destinado á Capella da embaixada portuguesa em Londres, mas segundo parece foi d'ali removido para o oratorio do paço das Necessidades, em Lisboa, pelo que refere o conde de Raczynsk a pag.ª 304 do seu *Dictionnaire*. Segundo leu Innocencio Francisco da Silva, que estamos seguindo.



UMA EXCURSÃO DE SEMINARISTAS E PROFESSORES DO LYCEU DE CABO VERDE, NO CACHAÇO  
(Photographias do Sr. A. Carvalho).



Varia foi a sorte da instrução em Cabo Verde, antes da providencial criação do Seminário-Lyceu. Desde 1555 fizeram os prelados diversas tentativas, louváveis, sem dúvida, mas sempre infructuosas, no sentido de desenvolver a instrução n'este archipelago. O Lyceu fundado na cidade da Praia, pelo governador Januario Corrêa d'Almeida, é a ultima tentativa que prova a evidencia que em Cabo Verde como em todas as colonias, um estabelecimento, que se limite ao externo, é arvore estéril, destinada a morrer por inanição. Nem dá fructos litterarios, e, sobretudo, não educa, que é o que mais se precisa.

Por decreto de 3 de setembro de 1866 foi creado o actual Seminario Lyceu com o fim de educar o clero da diocese e, ao mesmo tempo, para supprir a falta de Lyceu, podendo os alumnos, que se destinassem á vida civil matricular-se nos cursos superiores. Esta é a letra da lei, mas letra morta na pratica; e, não obstante esta restricção illegal e odiosa, o Seminario Lyceu tem atravessado um periodo longo, regularmente frequentado e derramando sempre abundantes fructos de boa instrução, que o distincto medico e brilhante escriptor dr. João Martins, illustre filho d'esta provincia, aprecia assaz lisongeiramente no seu livro «Madeira, Cabo Verde e Guiné.»

Para este bom resultado muito tem concorrido os amestrados timoneiros que os zelosos Prelados-Reitores tem posto á sua frente, sendo de justiça destacar aqui o actual Prelado de Moçambique, sr. D. Francisco Ferreira da Silva, que n'uma direcção de 16 annos lhe introduziu importantes melhoramentos, e o actual vice-reitor, conego Antonio J. d'Oliveira Bouças, que lhe tem communicado a vida da sua alma cheia de entusiasmo e patriotismo, n'uma serie de reformas intelligentes, em que o asseio e a hygiene, a boa ordem e a disciplina, desde o pessoal servente até ao seminareal, e sobretudo o estomago dos alumnos, tem merecido solícito cuidado.

Um projecto de reforma, elaborado pelos professores conegos Bouças, Coimbra e Galvão, constituídos em comissão por portaria do Governo da provincia, organisa o Seminario-Lyceu em Lyceu Nacional, segundo a ultima lei de Instrução Secundaria do reino e nas bases do Seminario Lyceu de Guimarães, satisfazendo aos justos clamores de toda a provincia, com pequenissimos encargos para o thesouro.

Espera-se para breve este importante melhoramento que, segundo ouvimos, depende apenas do definitivo accordo entre o governo e a auctoridade ecclesiastica sobre a escolha do local mais adequado e outros pontos secundarios.

Fazemos votos para que aquelles de quem depende a prompta realisação d'um melhoramento de tanto futuro para a provincia, não percam o tempo precioso, que é como quem diz, a mansão favoravel. Não se esqueçam de que Cabo Verde está na estrada do mundo e o estrangeiro vem aqu, muitas vezes, fazer juizo das nossas instituições.

Cabo Verde, 24.5.906.

CONEGO INNOCENCIO GALVÃO

## LITTERATURA INGLEZA

G. H. Wells

### O OVO DE CRISTAL

O anno passado, existia ainda, nas immediações dos *Sete Quadrantes*, uma lojinha, de aspecto pouco convidativo, ostentando na frontaria, pintada á laia de taboleta, a seguinte indicação: *C. Cave, naturalista; vende objectos antigos.*

Era curioso, quanto variado, o conteúdo dos mostruarios. Abrigavam dentes de elefante, um jogo de xadrez, truncado, contas de vidro e misanga, uma caixa com olhos de vidro, dois crâneos de tigre, um crâneo humano, diversos macacos — um delles com um candieiro na mão — empalhados e comidos da traça, moveis velhos passados de moda, um ovo de avestruz sarapintado das moscas, apeiros de pesca, um aquario de vidro sujissimo e vazio. No ensejo em que começa esta historia, existia ainda uma móle de cristal afeiçoada em fórma de ovo e lustrada a primor.

Dois individuos, parados em frente do mostruario, procediam ao exame do alludido ovo: um d'elles ecclesiastico, alto e magro; o outro, um mancebo com a barba muito preta, trigueiro e

trajando com modestia. O mancebo trigueiro falava accionando com vivacidade e parecia estar deseioso de resolver o companheiro a adquirir o artigo.

N'este meio tempo, eis que sae Mister Cave do escritorio, ao fundo do estabelecimento, ainda a rastigar uns restos de pão com manteiga, do seu chá. Mal que deu pela presença dos dois sujeitos, e percebeu qual o objecto que lhes prendia a attenção, atrapalhou-se. Relançando os olhos a medo por cima do hombro, foi fechar a porta, pé ante pé. Mister Cave era um velhito de rosto macilento, com uns olhos um tanto exquitos, de um azul deslavado, e o cabelo de um mais grizalho e sujo; trajava uma sobrecasaca azul, muito coçada, um chapeu velho, de pello de seda, e calçava umas chinelas de tapete, muitissimo acalcanhadas. Pos-se a espiar os dois sujeitos. O ecclesiastico rebuscou no fundo dos bolsos das calças, examinou uma mancheia de dinheiro, e descerrou-lhe os dentes aprazivel sorriso. Quando os viu dar entrada no estabelecimento, Mister Cave manifestou-se ainda muito mais atrapalhado.

O ecclesiastico, sem mais ceremonias, indagou o preço do ovo de cristal. Mister Cave inviuçou uns olhos inquietos em direcção ao cubiculo do fundo da loja e respondeu: «Cinco guinéus». O ecclesiastico, dirigindo-se simultaneamente ao companheiro e a Mister Cave, protestou que era exorbitante o preço, e tentou obter abatimento. — A quantia excedia em muito o que Mister Cave tencionava pedir por elle, a principio, quando o collocou no mostruario. — Mister Cave foi até á porta da loja e abriu-a:

Cinco guinéus, é o ultimo preço, — declarou, como se quisesse poupar-se ao enfado de uma inutil discussão.

N'este ensejo, apparece por cima da cortina, que mascarava a parte inferior da vidraça da porta do fundo, a metade superior do rosto de uma mulher, e uns olhos curiosos a mirarem os dois clientes.

— Cinco guinéus, é o ultimo preço, — repetiu Mister Cave com a voz a tremer

O mancebo da pelle tsnada permanecera até ali méro espectador, a examinar Mister Cave e como que a vará lo com os olhos. De repente, tomou a palavra.

— Dê-lhe os cinco guinéus.

O ecclesiastico, voltou-se para elle para vêr se estaria falando a serio e, quando reportou a vista sobre Mister Cave, viu que o semblante d'este estava branco como um papel.

E' puxadinha a quantia, — declarou o ecclesiastico, e remexendo nas algebeiras, pos-se a deitar contas aos seus recursos. Estes não iam além de trinta shelins, e teve que pedir o restante ao companheiro, com quem parecia estar em termos de muita intimidade.

Deu isto a Mister Cave tempo para recapitular as ideias, e pos se a explicar de modo muito atrapalhado que, na realidade, o ovo de cristal não estava o que se chama á venda. Os dois clientes, como era natural, manifestaram tal qual surpresa e perguntaram-lhe qual o motivo porque o não tinha dito ha mais tempo.

Mister Cave ficou em grande confusão, e met-teu os pés pelas mãos a impingir uma historia inverosimil, allegando que não podia vender o ovo, aquella tarde, pelo facto de o ter apalavrado um provavel comprador.

Os dois clientes, na supposição de que fosse aquillo méra tentativa, por parte do sujeito, com o tento em lhes subir ainda o preço, fizeram menção de retirar-se. N'este instante, comtudo, eis se abre a porta do fundo da loja, e entra por ali dentro a dona dos dois olhinhos.

Era uma mulher corpolenta, de feições ordinarias, mais nova e muito mais cheia do que Mister Cave: pesado o seu modo de andar, e o semblante, rubicundo.

— O cristal é para venda, — affirmou, — e cinco guinéus é um preço muito razoavel. Sempre quera que me dissesse, Mister Cave, porque é que não aceita as offertas d'estes senhores.

Mister Cave, altamente atrapalhado por semelhante irrupção, desfechou á consorte, por cima dos olhos, uns olhos iracundos, e, em tom mal seguro, affirmou o seu direito de encaminhar as suas transacções como muito bem lhe parecia. Deu isto em resultado uma altercação. Os dois clientes, muito divertidos e interessados a observarem o lance, accudindo a proposito a Mistress Cave com perguntas e suggestões. Mister Cave, muito invectivado, insistiu n'aquella sua historia confusa quanto impossivel a respeito de um freghês que lhe apparecera n'aquella propria manhã, e mettia dó a afflicção do pobre do homem. Embirrou porém os pés á parede, quer sim quer

não, com teimosia extraordinaria. O juvenil oriental foi quem pôs ponto a tão curiosa controversia. Propôs o voltar d'ali a dois dias — afim de dar ao pretensio cliente ensejo de um tal ou qual prazo para se decidir.

— E nós, então, — declarou o ecclesiastico, — o dito, dito... Cinco guinéus!

Mistress Cave tomou sobre si a defêsa do marido, explicando que elle ás vezes tinha suas exquites, e os dois clientes deixaram o casal entregue á altercação.

Assim que se viram a sós, Mistress Cave interpellou o esposo com singular autoridade. O pobre do homemzinho, a tremer de afflicto, ás aranhas com as suas historias, tudo era afirmar, por um lado, que tinha em vista outro comprador, e pelo outro, asseverando que o ovo de cristal valia com certeza quinze guinéus.

— Por que é então que só pediste cinco?

— Sabes que mais? Não farás favor de me deixar tratar dos meus negocios, conforme o entender? E acabou se, — rematou mister Cave.

Mister Cave tinha um enteado e uma enteada, que viviam em sua companhia, e á tarde, ao jantar, a transacção mallograda voltou á teia da discussão. Nenhum d'elles tinha n'uma conta por ahi além os methodos commerciaes de Mister Cave, e o facto, aos olhos de ambos, pareceu-lhes ser um acto de rematada loucura.

— Estou certo que por mais de uma vez se tem negado a vendê-lo, — affirmou o enteado — palerma com dezoito annos e com uns ares derrengados.

— Mas cinco guinéus! — encareceu a enteada, menina sisuda de vinte e seis annos.

As respostas de Mister Cave foram uma lastima; resumiu-se a lançoar para ali umas timidias asserções, tartamudeando que sabia muito bem o que lhe cumpria fazer.

Ainda bem não tinha engulido o jantar, lá carregaram com elle, com as orelhas a arder e de vexado as lagrimas a luzir-lhe por detrás dos olhos, para fechar a loja, visto que anoitecera

— Mas por que demonio, — dizia consigo, deixaria eu o ovo de cristal no mostruario, tanto tempo? Refinadissima asneira!

E era isto o que mais o arrelia. Fartou-se de esquadrinhar, sem conseguir dar com elle, um pretexto para evitar a venda.

Depois da ceia, a enteada e o enteado foram-se puxar á sustancia e saíram sósinhos; a consorte recolheu ao segundo andar para cogitar acerca das propriedades mercantias do cristal, apreciando, simultaneamente conjugados em um copo de agua tepida, os diversos predicados do açúcar, de umas rodas de limão e... de outra coisa. Mister Cave demorou-se até muito tarde na loja, com o pretexto ostensivo de armar umas frágas ornamentals n'uns aquarios velhos, na realidade, porém, com um fim inconfessado que mais tarde por si proprio se veiu a explicar.

Ao outro dia, effectivamente, Mistress Cave reparou em como fora retirado do mostruario o ovo de cristal e se achava a tualmente escondido por detrás de uma rima de alfarrabios tratando da pesca a cana. Tornou a collocá-lo bem á vista. Mas absteve-se de armar nova questão a semelhante respeito, visto havê-lo feito desistir do proposito uma nevalgia fortissima. Correu algo desagradavel o dia. Mister Cave, sem irmos mais longe, estava muito mais distraido do usual, e, em extremo irritavel, ainda por cima.

Pela volta da tarde, emquanto a esposa se entregava á sua sesta quotidiana, tornou a tirar do mostruario o ovo de cristal.

(Continúa)

M. MACEDO.

\*\*\*

## A natureza e seus phenomenos

PARTE V

### ELECTRICIDADE

CAPITULO II

MAGNETISMO E ELECTRO-MAGNETISMO

(Continuado do n.º 992)

Um interruptor permite a interrupção constante da corrente afim de se desenvolverem as correntes de inducção. Consta de um feixe de fios de ferro macio (A) introduzido no eixo da bobine, mas sahindo um pouco fóra d'ella, e de uma peça igualmente de ferro macio (martello) cuja mola vae d'encontro a uma columna metallica (bigorna). A corrente entra pelo fio P, passa em a, pelo interruptor C vae para o botão b, per-



corre o fio grosso da bobine, sahe pelo lado oposto, passa para o martello, d'ahi para a bigorna, lamina de cobre K, botão c do interruptor, e volta á pilha pelo fio N (polo negativo). Passando a corrente, uma corrente induzida desenvolve-se no fio delgado, em sentido contrario á primeira, magnetisa-se o feixe do fio de ferro macio que attrahe o martello, o qual toca na bigorna; então interrompe-se a corrente, e o martello abandona a bigorna. Neste momento passa de novo a corrente, e os factos reproduzem-se.

Vê-se, pois, que o movimento vibratorio do martello faz com que a corrente se interrompa continuamente, o que dá origem ás correntes de indução, alternadamente directas e inversas.

Os effectos da bobine de Ruhmkorff são, como os dos condensadores, *physiologicos, physicos, e mechanicos*.

Para se avaliar a intensidade dos seus effectos physiologicos, basta dizer-se que as commoções produzidas por uma pequena bobine (0<sup>m</sup>,30 de comprimento), com quatro elementos de Bunsen, são sufficientes para matar um cão e com dez elementos de Bunsen, fulmina-se um homem.

Os effectos physicos podem ser *calorificos* ou *luminosos*.

Os primeiros são especialmente applicados á fusão dos metaes, ou explosão de minas e torpedos.

(Continua)

ANTONIO A. O. MACHADO.

## O MEZ METEREOLÓGICO

Julho, 1906

Barometro.—Maxima 765<sup>mm</sup>,6 em 23.

Minima 759<sup>mm</sup>,8 " 17.

Thermometro.—Maxima 34<sup>o</sup>,5 em 16.

Minima 15<sup>o</sup>,0 " 4.

Em 9, marcava a maxima 33<sup>o</sup>,8; em 10, 30<sup>o</sup>,2; em 13, 31<sup>o</sup>,0; em 14, 33<sup>o</sup>,0 e em 15, 33<sup>o</sup>,2.

Vento dominante.—N.

Chuva.—Em 21 e 26, em quantidade insignificante.

Nebulosidade.—Limpo ou alg. nuvens em 26. Nublado 5 dias.

Relampagos e trovões em 20.

Temperaturas medias extremas 28<sup>o</sup>,96 em 16, 17<sup>o</sup>,87 em 1.

\*\*\*

### A ultima freira portugueza e a extincção dos conventos

Com o fallecimento, em 10 do mez de maio d'este anno, da madre abbadessa e ultima religiosa do convento das Chagas, de Lamego, acabaram em Portugal as freiras professas.

Este acontecimento representa uma nota importante para a historia das congregações religiosas em Portugal.

Pelo celebre decreto de 28 de maio de 1834 foram extinctos os conventos de religiosos e religiosas. Decorreram, portanto, setenta e dois annos até que se tornasse completa e effectiva aquella extincção.

Pelo alludido decreto foram extinctos em todo o reino e seus dominios todos os conventos, mosteiros, collegios, hospicios e quaesquer casas de religiosos das ordens regulares de qualquer denominação, instituto, ou regra, sendo incorporados os seus bens nos da fazenda publica e postos á disposição dos prelados diocesanos os vasos sagrados e paramentos, que serviam ao culto divino, para serem distribuidos pelas igrejas mais necessitadas. A cada um dos religiosos egressos, salvo certas excepções, seria garantida uma pensão annual para a sua sustentação.

A forma como se procedeu na extincção dos conventos de religiosos foi differente da empregada para com os de religiosas. A extincção dos primeiros foi immediata, e porisso com todos os inconvenientes de uma tal operação, precipitada e tumultuaria. Os edificios foram vendidos ao desbarato, por quantias insignificantes, mercê da grande massa de propriedades lançadas na circulação. Grande parte das preciosidades de toda a especie que encerravam ou se perderam ou se inutilisaram.

Pinho Leal deixou no vol. 2.<sup>o</sup> do seu *Portugal Antigo e Moderno*, a pag. 335 e seguintes, algumas considerações sobre o assumpto, muito sensatas e edificantes.

A titulo de curiosidade reproduziremos aqui o que o infatigavel escriptor pensava com respeito a conventos.

«Não vou combater, diz Pinho Leal no lugar citado, os novos principios politicos introduzidos

em Portugal, só quero fazer umas perguntas muito serias aos liberaes de boa fé, de 1834. Teem visto e continuarão a ver no decurso d'esta obra que não sou apologista dos frades; mas conheço que a nação lhes deve muitos e muitos beneficios de toda a casta. Se eu tivesse voto na materia, votaria por uma reforma radical nos conventos de ambos os sexos, mas nunca na sua extincção, e muitissimo menos na espoliação e roubo sacrilego que fizeram aos conventos. Não ha absolutamente nada que desculpe este acto de verdadeiro latrocinio. Demonstro:

Muitos conventos foram fundados pelos nossos reis e rainhas, mas os nossos antigos reis já pelas instituições coevas, já mesmo por que em pessoa e á ponta das suas valentes espadas, tinham conquistado aos mouros a maior parte do nosso Portugal, tinham o direito de dar a quem muito bem lhes parecesse uma quinta, certo numero de rendas, um trato de terreno inculto e deserto (que na maxima parte foi o que elles deram) ou os *direitos reais* de qualquer povoação. Mas os nossos reis, desde D. Affonso I até D. Sebastião, com pequenissimas excepções, só premiavam a virtude, a sciencia e o valor. Quasi todas as suas doações foram, ou o premio de relevantes serviços feitos á patria, ou para o culto divino e manutenção da religião do Crucificado.

Ainda mais — nem foram só os nossos reis que fizeram doações aos conventos e aos servidores da patria, foram tambem os reis godos, e depois d'elles os de Castella, Asturias, Leão e Toledo.

Mas legaes ou illegaes estas doações (que na opinião de todos os homens de bem eram *legalissimas*) segundo todas as leis, não só antigas e modernas de Portugal, mas de todo o mundo culto, uma prescripção diuturnissima (em muitos casos excedente a mil annos!) tinha indisputavelmente legalisado, e, deixem-me assim dizer, consagrado essas doações.

Os frades e as freiras levaram para os conventos os seus dotes, que eram empregados nos augmentos e bemfeitorias. Muitos conventos compravam a dinheiro de contado, rendas, casas, terrenos e outras propriedades, algumas até de mouros, quando elles dominavam em Portugal; e quasi todos desbravaram (muitos por suas proprias mãos) terrenos improductivos, brejos e penedias — que foi o que os reis em grande parte lhes deram; reduzindo isto a cultura, á força de trabalho e despesas; empregando braços, dando sustento a muitas familias e fazendo prosperar os sitios onde se estabeleciam em especial, e a nação em geral.

Muitas e muitas povoações florescentes devem a sua origem aos conventos.

Não nego que muitos frades abusavam da credulidade e mesmo da superstição dos nossos avós, para lhe extorquirem boas doações; mas vão lá agora saber as que estão n'esse caso! E' porém evidente que no geral as doações dos particulares aos conventos foram espontaneas e muito espontaneas.

Com que direito o governo de 1834, e os seus successores, venderam estes conventos, tirando-lhes todas as suas pratas, preciosidades, livrarias, etc. e lhes venderam os edificios e as terras e fóros?

Com o direito que tinha Bonaparte de nos mandar roubar o que os seus generaes nos levaram. Nem mais nem menos.

Essas propriedades que os particulares davam (melhor diria — *consignavam*) aos mosteiros, sob a condição de lhes fazerem certos suffragios annuaes? Com que direito as venderam? Com o direito do mais forte.

Quem manda agora dizer essas missas e fazer esses suffragios?

E' innegavel que o que os liberaes de 1834 queriam não era supprimir os conventos, era... vendel-os.

Se só os quizessem supprimir, entregavam aos legitimos herdeiros dos doadores o que lhes pertencesse e restituíam aos frades e ás freiras os dotes que levaram para os conventos.

Não é sustentavel o argumento d'aquelles que dizem que não se podia saber a quem as propriedades e fóros pertenciam. Algumas não se saberia ou não se poderia averiguar, e essas que as vendessem ou desfructassem; mas a maxima parte e as maiores doações sabia-se perfeitamente, porque estava tudo muito bem declarado e por escripturas authenticas, nos cartorios dos conventos.

Para cumulo do escandalo e de desgraça, venderam uma grande parte d'esses conventos por dez réis de mel coado, e ninguem sabe o que fizeram a esse dinheiro.

Muitas das pratas dos conventos (como as de

Santa Cruz, de Coimbra, que valiam uns poucos de contos de réis) ficaram logo nas garras do primeiro ladrão, sem dar satisfações a ninguem.

Por isso se viu, em 1834, muito pobre e descalço apparecer repentinamente com palacios, trens e lacaes »

Metade do que se acaba de ler é rigorosamente verdadeiro. A outra metade poderá soffrer reparos e controversias, mas é sem duvida um elucidativo depoimento para a historia da extincção dos conventos em Portugal.

O fallecimento da ultima freira do convento das Chagas, de Lamego, foi immediatamente communicado em telegramma pelo rev. bispo d'aquella diocese á Direcção Geral da Estatica e dos Proprios Nacionaes, que logo fez expêdir as ordens convenientes para se proceder á arrecadação de todos os valores. Como se aguardava a morte da ultima religiosa para o convento ser extincto, já ha alguns annos que o Estado mandara proceder ao inventario respectivo.

Foi este convento fundado e edificado pelo bispo de Lamego, D. Antonio Telles de Menezes, no anno de 1588, em honra das Cinco Chagas de Christo, segundo consta de documentos authenticos, sendo por consequencia essa a sua invocação. As religiosas seguiam a regra de Santa Clara.

A' data da fundação do convento, a igreja tinha cinco altares, sendo um d'elles com tribuna em obra de talha, e todos os altares apresentavam bellas imagens, sendo as mais notaveis as que representam Santa Clara, S. Francisco e Nossa Senhora da Conceição. As paredes entre os altares são revestidas de muitos paineis.

No centro da capella-mór foi construido um mausoléu de pedra destinado aos restos mortaes do fundador.

A igreja tem dois côros grandes, com altares e boas imagens, confessionarios, e um pulpito de magnifica madeira e de subido valor.

Nos claustros, escriptorio e outras casas, havia alguns objectos valiosos.

Em homenagem á derradeira religiosa foi sempre o convento conservado como estava. A veneranda anciã tinha o nome de D. Anna Casimira do Sagrado Coração de Jesus. Era natural da freguezia de Sande, no concelho de Lamego, filha de paes pobres. Muito nova deu entrada no convento das Chagas a instancias da abbadessa D. Alexandrina e d'outras senhoras que concorreram com todas as despesas.

Decorriao o tempo do noviciado, professou D. Anna Casimira, talvez ahi pelo anno de 1829, sendo ella uma das ultimas a quem fôra conferida a profissão.

Por fallecimento de D. Lourença Alexandrina dos Prazeres, em 17 de abril de 1874, foi D. Anna Casimira investida no lugar de abbadessa do convento das Chagas, por ser a ultima freira que existia. Durante 32 annos desempenhou esse cargo a respeitavel senhora.

E. P.

## NECROLOGIA

JULIO DE ANDRADE

Temos a incluir hoje n'esta secção o retrato de um benemerito da humanidade Julio de Andrade, fallecido a 25 de julho ultimo, pelas 5 horas da tarde, no seu bello palacete ao Thorel, nascido n'esta mesma cidade a 25 de junho de 1838, filho de Antonio José de Andrade, rico capitalista que pertenceu ao antigo contracto do tabaco.

Desappareceu da terra mas o seu retrato e singela biographia serão o sufficiente para indicar aos vindouros como elle trilhou a senda do bem.

Tendo-se filiado na Sociedade Protectora dos Animaes, onde exerceu os cargos de thesoureiro e de presidente, serviu este ultimo cargo por espaço de 18 annos.

Desde muito novo começou com grande enthusiasmo e amor a preoccupar-se com a sorte dos pobres animaes e assim foi que a expensas suas mandou fazer e offerter á Sociedade mais de 50 baldes de madeira para bebedouro dos animaes, baldes que foram collocados ás portas dos lojistas que se prestaram a recebê-los e fornecel-os d'agua em diversos pontos da cidade; mandou fazer marcos fontenarios para pessoas e





D. ANNA CASIMIRA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, ABBADESSA DO CONVENTO DAS CHAGAS, DE LAMEGO, E ULTIMA FREIRA PROFESSORA QUE EXISTIA EM PORTUGAL.

animaes, marcos da sua propria invenção e de todo o ponto adequados aos ditos fins, e por intermédio da mesma Sociedade os offereceu e entregou ao municipio de Lisboa para serem collocados nos logares mais concorridos, sendo o primeiro inaugurado em 15 de agosto de 1882 no largo do Corpo Santo.

Este beneficio prestado aos racionais e irracionais é de tantas vantagens que seria ocioso incarecel-as.

Ainda á sua custa fez construir o *angar* de ferro que se vê no mesmo largo do Corpo Santo, para abrigo dos animaes contra o rigor das intemperies; tambem ainda á sua custa mandou construir um carro destinado a levantar e retirar da rua qualquer animal cahido e que por seu pé

não possa seguir o seu destino, carro igualmente entregue á Sociedade e por esta á camara municipal.

Não contente com as provas assim incessantemente dadas da sua dedicação em prol dos animaes, mandou ainda imprimir, com todas as despesas sahidas do seu bolso, mais de 16:000 exemplares de opusculos de propaganda em favor dos bons tratos e protecção aos animaes, como *Guia do cocheiro e carreiro*—*Para as creanças*—*Ao sexo feminino*—*As touradas*—*Os burros*—*Os passaros*—*Benevolencia para com os animaes*, etc., entregando-os á Sociedade para fazer distribuir largamente.

Alem da sua preocupação constante da caridade que se devia ter para com os pobres animaes auxiliares do homem, que tão mal recompensados são, nasceu igualmente no seu espirito, devido ao seu bello character e bondosissimo coração a ideia de uma cruzada em prol da instrução e bem-estar do povo, por meio de ensinamentos cujas lições, bem aproveitadas, farão uma revolução profunda, radical e proveitosa no viver domestico de hoje, em todas as classes mas principalmente no proletariado. Julio de Andrade constituiu uma admiravel bibliotheca de que deixa publicados 18 volumes, todos elles de pennas competetissimas, scientes e conscientes dos assumptos que tratam, sendo de cada um desses volumes feita tiragem de alguns milhares de exemplares.

São elles: tres de Mrs. Bray, intitulados *Elementos de moral*, *Physiologia e Hygiene e Deveres para com os animaes*, de cada um d'estes sahiram 4:500 exemplares; um de A. Newsholme e M. L. Scott, intitulado *Economia domestica*, de que extrahiu 2:000 exemplares; dois de Samuel Smiles, denominados *Sê honrados e O dever*, cada um dos quaes com a tiragem de 2:000 exemplares; um de Alice Price, intitulado *Primeiros passos para a temperança*, com a tiragem de 3:000 exemplares; dois de P. H. Chavasse, designados *Advertencias ás mulheres casadas e Advertencias ás mães*, a 2:000 exemplares cada um; dois do dr. André Wilson, sob os titulos de *Doenças infecciosas e maneira de as evitar*, e *Maneira de ter uma casa saudavel*, com 3:000 exemplares cada um; um de Frederico Trevids, *Educação Physica*, igualmente com 3:000 exemplares; *O que ha a fazer em caso de accidente*, 2:000; *A alimentação*, 2:000; *A alimentação do povo*, 2:000; *Efeitos do tabaco sobre a alma*, 2:000; *Tratamento dos doen-*



JULIO D'ANDRADE

tes, 2:000; *Hygiene das escolas*, 2:000; *Banhos*, 2:000, ultimo que deixou publicado.

Alcançam todos os volumes d'essa Bibliotheca, publicados, ao crescido numero de 49:000 exemplares de leitura sã e utilissima.

Nenhum d'esses 49:000 exemplares foi posto á venda, mas sim mandados traduzir e imprimir á sua custa, e distribuir gratuitamente nas escolas e nas casas de familia.

Grandiosas sommas dispendeu com a sua bibliotheca, em que tinha verdadeira fé e que tencionava continuar quando a morte o veio surprehen-

der.

Ahi fica nestes rapidos traços uma pallida imagem das benemerencias de Julio de Andrade. Descance em paz o benemerito protector dos animaes e da educação popular; desfolhemos sobre a sua campa os goivos da nossa saude, com o sincero preito da nossa admiração.

## ANTONIO DO COUTO ALFAYATE



Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magafico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



A melhor agua de mesa conhecida  
AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES  
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º  
LISBOA

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 18500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.<sup>ª</sup>  
Calçada da Gloria, 5 — LISBOA  
T.º telephonico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.— Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



## LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES



Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

## Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 20 A  
1.º e 2.º andar

Rua Sá da Bandeira, 259

Dois medalhas de ouro e prata  
Exposição Universal de Paris de 1900  
Grand Prix—  
Exp. de S. Luiz 1904  
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES  
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico  
POR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII

Professores de S. A. o Principe Real da Alemanha

Professores de S. A. o Principe Fricdr. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERÁES, separadas para HOMENS e SENHORAS  
Allemao, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite